



## **SANTO AGOSTINHO E A POESIA: UM PERCURSO PELAS CRÍTICAS, VISÕES E PROJETOS EM RELAÇÃO À POESIA GRECO-ROMANA**

### **SANTO AGOSTINHO AND POETRY: A ROUTE FOR CRITICS, VISIONS AND PROJECTS IN RELATION TO GREECE-ROMAN POETRY**

Francisco Romário de Queiroz Silva<sup>1</sup>

Francisco Edson Gonçalves Leite<sup>2</sup>

Recebido em: 24 out. 2020

Aceito em: 04 mai. 2021

DOI: 10.26512/aguaviva.v6i3.41783

**RESUMO:** Considerando as críticas tecidas por Agostinho à poesia de seu tempo, objetiva-se neste artigo mostrar que o Doutor da Graça não condena a poesia em sua totalidade, mas somente as imoralidades presentes nas produções dos poetas romanos. Para tanto, proceder-se-á a análise da visão de Santo Agostinho quanto à poesia a partir de suas principais obras referentes a esse assunto. Nelas, observar-se que o Santo Doutor, longe de condenar o gênero poético em si, exalta o que este tem de bom e útil, o que permite concluir que seu objetivo, ao contrário de meras críticas ou censuras infundadas, era antes uma conversão da poesia à doutrina cristã.

**Palavras-chave:** Poesia. Agostinho. Salmos. Cristianismo.

**ABSTRACT:** Considering the criticisms made by Augustine to the poetry of his time, the objective of this paper is to show that he does not condemn poetry in its entirety, but only the immoralities present in the productions of Roman poets. To this end, the analysis of Saint Augustine's vision regarding poetry will be carried out based on his main works on this subject. In them, one can perceive that the Holy Doctor, far from condemning the poetic genre itself, extols its good and useful features, which allows us to conclude that its objective, contrary to mere criticism or unfounded censorship, it was a conversion from poetry to Christian doctrine.

**Keywords:** Poetry. Augustine. Psalms. Christianity.

#### **INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras (Língua Portuguesa e respectivas Literaturas) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). É membro do Lumem, Grupo de Pesquisa em Filosofia Patrística e Medieval e membro do Programa Bale (Biblioteca Ambulante e Literatura na Escola). Tem experiência em temas como o amor, a vontade, a verdade e a beleza na filosofia de Santo Agostinho, História da Igreja, Teologia da Liturgia, Teologia Dogmática e História dos Concílios Ecumênicos. Assessor na Prefeitura Municipal de São Miguel. E-mail: romario15fr@gmail.com

<sup>2</sup> Graduado em Letras (habilitação em Língua Inglesa e respectivas Literaturas) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mestre e Doutor em Letras pela mesma universidade. Professor de Teoria da Literatura na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria literária, duplo e literatura fantástica. E-mail: franciscoedson@uern.br



Aurélio Agostinho, nascido em Tagaste em 354, é filho de Patrício e Monica. Considerado o pai da teologia no Ocidente, escreveu inúmeras obras sobre os mais diversos temas – filosofia, exegese, hermenêutica bíblica e tantos outros – e teceu profundas críticas à poesia de seu tempo.

Agostinho viveu na época do declínio dos estudos, da pesquisa e da literatura. Também vivenciou o declínio da grande Roma, as invasões dos bárbaros, as dificuldades da igreja frente a estes mesmos povos, a governadores ainda não unanimemente cristãos e bem como o advento das grandes heresias, o que criava cisões no interior da igreja. A poesia Romana, marcada pelo paganismo e pelo culto aos deuses, leva Agostinho a uma visão negativa dela.

Nosso objetivo neste presente trabalho, é apontar as principais críticas que Agostinho tece em relação à poesia de seu tempo e mostrar que o referido doutor não condena a poesia em si, mas somente aquela advinda do declínio dos estudos, produções literárias e das imoralidades. Longe de condenar o gênero poético, Agostinho propõe, antes, uma conversão dele.

### **Críticas e visão de Agostinho quanto à poesia**

Agostinho, grande conhecedor da literatura de seu tempo, iniciou sua educação formal pelo estudo da língua grega, embora demonstrasse, curiosamente, certa aversão por essa língua: “Mas qual era a causa da aversão que tinha à língua que me ensinavam quando criança? É o que ainda hoje não sei explicar [...]” (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 41). Contudo, tinha um grande apreço pela língua latina: “[...] Pelo contrário gostava muito da língua Latina [...]” (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 41). Porém, esse gosto pelo latim também não se referia às lições de ler e escrever ou a sua gramática, mas a sua literatura:

Aquelas primeiras lições em que se aprende a ler, escrever e contar eram-me tão pesadas e insuportáveis como as do grego. [...] Aquelas primeiras letras a que devia e devo a possibilidade de não só ler qualquer escrito, mas também de escrever o que me aprouver, eram sem dúvidas mais úteis e mais certas do que aquelas em que, esquecendo dos meus erros, era obrigado a gravar na memória as navegações errantes de um certo Enéias e a chorar a morte de Dido que se suicidaram por amor (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 41).



Agostinho, em suas *Confissões*, considerava um tormento apartar-se desses textos que lhe causavam prazer: “[...] se me proibiam a leitura destes episódios, afligia-me por não ler aquilo que me impressionava até a dor. [...]” (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 42).

Portanto, fica demonstrado que o Santo Doutor conhecia bem os escritos que lhe eram contemporâneos e se deleitava com eles. Nas palavras de Wisdom (2013, p. 31) "Agostinho leu o que os outros leram, pelo menos em latim." (Tradução nossa)<sup>3</sup>. Contudo, dada sua formação cristã, percebera que as emoções e prazeres causados por aquelas leituras – temas que trataremos em seguida –, eram contrários aos preceitos do Cristo e aos ensinamentos da Sagrada Escritura. É verdade que, quando jovem, seguiu por caminhos errantes, até mesmo integrando seitas como o maniqueísmo<sup>4</sup>, vivendo na luxúria, vaidade e egoísmo. Porém, trazia consigo aquelas palavras cristãs que recebera de sua mãe e que estavam gravadas em sua alma.

As reflexões de Agostinho sobre a literatura a ele contemporânea, como a poesia – tema que é o foco deste trabalho – origina-se da sua busca pela verdade. Pode-se dizer que a busca pela verdade foi o que deu movimento a sua vida, tanto natural como intelectual. Essa busca inquietante culminará em sua conversão, que se deu pelos sermões do bispo Ambrósio<sup>5</sup>, pela leitura das cartas de São Paulo<sup>6</sup> e, ao ouvir o relato da vida de Santo Antão<sup>7</sup>. A partir de então, torna-se profundo seguidor e amante do Cristo, enxergando nos prazeres experimentados pela leitura dos textos romanos, motivos para derramar lágrimas por seus erros: “Nada mais digno de compaixão do que o infeliz que derrama lágrimas pela morte de Dido, originada no amor de Enéias, sem se compadecer de si mesmo nem chorar a própria morte por falta de amor para convosco, ó meu Deus [...]” (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 41-42).

---

<sup>3</sup> *Augustine read what others read, in Latim at least* (original)

<sup>4</sup> Uma nota de rodapé do livro das *Confissões* explica muito bem a doutrina maniqueísta: “[...] O maniqueísmo misturava doutrinas de Zoroastro com o cristianismo. Eis os pontos principais da sua doutrina: desde toda a eternidade existem dois princípios, o do bem e o do mal. O primeiro, que se chama Deus, domina o reino da luz e Ele mesmo é luz imaculada, que só pela razão e não pelos sentidos se pode perceber. O segundo chama-se Satanás, rei das trevas; é mau quanto à sua natureza, pois é matéria infeccionada. Ambos comunicam a sua substância a outros seres, que são bons ou maus conforme a sua origem. Houve luta entre o reino da luz e o das trevas. Os demônios arrebataram partículas de luz. Satanás gerou Adão e comunicou-lhe essas partículas, que seriam as almas dos homens.

Deus, para libertar a luz do cativo da matéria, criou por intermédio dos espíritos antagonistas dos demônios, o sol e a lua, os astros e a terra. Esta é de matéria inteiramente corrompida. O homem compõe-se de três partes: de corpo, oriundo do mal, de espírito, oriundo de Deus, e de alma insensível, cheia de maus apetites e dominada por Satanás. Deus enviou Cristo para salvar os homens. O Espírito Santo, menor que o Filho, também de substância puríssima, age beneficentemente ao contrário dos demônios que só provocam calamidades. [...]” (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 404-405).

<sup>5</sup> Ambrósio, bispo de Milão, nascido em Tréveros, por volta de 334, grande pregador, o qual contribuiu para a conversão de Agostinho.

<sup>6</sup> Especialmente Rm 13, 13-14.

<sup>7</sup> O relato foi feito por Ponticiano, que se encontrava em diálogo com Agostinho numa chácara em Cassissíaco. A Biografia de Santo Antão foi escrita por Santo Atanásio.



Após sua conversão, o Santo Doutor perceberá que a arte de ler e escrever, que aprendera penosamente nas primeiras lições e que, a seus olhos, eram lições pesadas e fatigantes, são agora mais importantes que estas lições posteriores, isso é, o estudo das fábulas dos poetas, cheias de narrações e lendas: “[...] Eis-me aqui mais pronto para esquecer as navegações errantes de Enéias e outras narrações semelhantes do que para esquecer a leitura e a arte de escrever” (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 42). Destarte:

Esse processo de conversão à doutrina cristã, narrada nas Confissões, desenha, portanto, o périplo de um jovem letrado no patrimônio da poesia e da retórica pagãs (arte da qual, inclusive, fora professor) conduzido pela indagação filosófica até a descoberta da Palavra Sagrada que, então, retrospectivamente, ilumina com seu sentido a vida pregressa do autor, não apenas na dimensão de suas experiências pessoais, mas também na de suas práticas culturais e intelectuais (SOUZA, 2016, p. 2800).

Ora, o Santo Doutor experimentou em sua própria carne o drama do erro, da concupiscência e do orgulho. Os prazeres causados pela literatura, especialmente por aqueles poemas que, posteriormente, eram apresentados dramaticamente no teatro romano, proporcionaram-lhe, após sua conversão ao cristianismo, uma total aversão. Agostinho partirá do princípio de que os poetas, ao escreverem ações imorais dos deuses, incentivavam o povo a praticá-las também, induzindo o povo à imoralidade. Isso acontecia porque os deuses eram tidos como modelos para o mundo humano e suas ações, por isso consideradas gloriosas, passíveis de replicação. Além disso, Agostinho argumenta que as emoções causadas pelos teatros induziam os espectadores a sentirem uma espécie de compaixão, mas tal compaixão não movia um sentimento de ajuda, sendo, igualmente, reprováveis, como dirá Gomes:

Ele tece a mesma crítica à realidade virtual criada no teatro, assim como na literatura, pois junta diversas emoções em sua encenação, e buscam ali sentimentos que não querem vivenciar na vida real, e tiravam proveito disso, deleitando-se nessa realidade e sentimentos ruins, e se isso não ocorresse, criticavam o autor (GOMES, 2014, p. 1770).

O Filósofo da Graça tem o sentimento de compaixão como sendo aquilo que tenta abrandar a dor daquele que sofre, que se condói e se objetiva a ajudar o que padece. Esse condoer-se com a dor do próximo ganhará em Agostinho a denominação de *cáritas*, sendo aquela mais pura manifestação de amor altruísta. Desse modo, a vivência e prática da caridade se torna, no pensamento do Doutor de Hipo, a caracterização de uma verdadeira existência cristã. Destarte, tudo que contrasta com isso é encarado como algo que se deve evitar, como ele



mesmo dirá: "Pois não é um bom fruto o que não procede da raiz da caridade" (SANTO AGOSTINHO, 2014, p 37). Em Agostinho (1994, p. 137) esse termo *cáritas* assume o caráter de designação do próprio Deus, ou melhor, torna-se a própria substância de Deus. Contrariamente a isso, os sentimentos causados por aqueles espetáculos do teatro não criavam senão um mero prazer, que não procura solucionar o problema do outro. Dito de outra forma, configura-se em um sentimento egoísta, sem se importar com a dor alheia. Nas palavras de Silva (2008) "[...] a compaixão que a tragédia trazia não condizia com o verdadeiro sentido de caridade, ou seja, o dever sentir compaixão do próximo, mas antes preferir que a dor alheia não exista ao invés de se aprazer com ela." Na visão do Santo Doutor, tudo se tratava de algo mecânico e virtual que, além de não nutrir as boas ações, também não condizia com a vida que Deus deseja para a humanidade, isso é, uma vida virtuosa e feliz:

Mas porque o homem condoer-se, quando presencia cenas dolorosas e trágicas, se de modo algum deseja suportá-las? Todavia o espectador anseia por sentir esse sofrimento que afinal para ele constitui um prazer. Que é isto senão arrematada loucura? Com efeito, tanto mais cada um se comove com tais cenas quanto menos se acha curado de tais afetos (deletérios) [...] (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 65).

Diante disso, o mestre dirá que tal prazer satisfaz meramente a carne com sentimentos que geram uma satisfação, aquilo que Aristóteles já chamava de *cartase*:

É a tragédia a representação de uma ação grave, de alguma extensão completa, em linguagem exornada, cada parte com o seu atrativo adequado, com autores agindo, não narrando, a qual, inspirando pena e temor, opera a catarse própria dessas emoções (ARISTÓTELES, 2014, p. 24).

Contudo, para o Santo Doutor, falta a estas emoções aquele sentimento pregado pelo Cristo, que mandou os homens doarem a vida pelos irmãos. O condoer-se das artes cênicas estaria reduzido a uma mera ilusão que, como já havia apontado Platão, é uma mera imitação da realidade. E, ainda mais que isso, seria uma errônea imitação da realidade na visão agostiniana. Pois, no pensamento do Filósofo da Graça, Deus teria criado os seres humanos para uma vida feliz e justa. Dessa forma, os atos dos deuses, sendo reprováveis por serem imorais, eram também reprováveis por idealizarem uma realidade que não condiz com o real, que fora criado para a justiça e o amor *cáritas*. A isso soma-se o fato duma sociedade que buscava prazer em assistir espetáculos nos quais a vida humana era levada ao fim, isso é, à morte. De fato, o não cumprimento do preceito do amor implicaria na falta de justiça (Cf.



SANTO AGOSTINHO, 1997, p. 237). Portanto, que sentido teria condoer-se? Por qual razão deseja o espectador se satisfazer com aqueles espetáculos que causavam em si tristeza, se não possuía um mínimo desejo de dar termo àquele sofrimento? Ora, o que o próprio espectador sentia era somente dor e comoção da alma, pois nutria um sentimentalismo tal de piedade e tristeza em relação às dores que presenciava no teatro romano, mas que não se direcionava a nenhum ato altruísta, dando-se o mesmo com relação à literatura.

Por ter experimentado isso é que Agostinho conclui que o leitor chora por Dido, mas não chora por si mesmo. Se comove com a morte de Dido, mas não se comove com a própria morte, pois, sofrendo por um personagem que não existe e que não há o que fazer por ele, não se importa que gaste sua emoção própria, com a qual deveria verdadeiramente se preocupar. Aliás, o próprio espectador desejava sofrer e se comover com as próprias dores, as quais eram para si a própria satisfação e alegria. Se os espetáculos não causassem as dores que o espectador desejava era porque a representação não era de qualidade, por isso mereceria críticas negativas. Do contrário, se a tragédia lhe causava dor e compaixão era merecedora de bons elogios. Agostinho vê nisso um paradoxo que, em seu pensamento, parece traduzir-se por loucura, a ideia de um homem que busca sua alegria em seu próprio sofrimento:

Que compaixão é essa em assuntos fictícios e cênicos, se não se induz o espectador a prestar auxílio, mas somente o convida à angústia e a comprazer o dramaturgo, na proporção da dor que experimenta? E se aquelas tragédias humanas, antigas ou fingidas, se representam de modo a não executarem a compaixão, o espectador retira-se enfasiado e criticando. Pelo contrário, se se comove, permanece atento e chora de satisfação (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 65).

Assim como diz Gomes (2014, p. 1770):

Para Agostinho, isso causava grande dano ao espectador, pois quanto mais ele assiste mais ele se torna imune a fatos semelhantes na vida real, e, com isso, paixões, injustiças, violência e corrupção se tornam cada vez mais comuns e mais naturais na concepção do espectador, levando essa sensibilidade para a vida real, deixando de ter compaixão de pessoas que sofrem, pois no teatro assistem sem nada fazerem.

Esse prazer se reduz a um sentimento de dor sem intenção de auxiliar o que padece e, ainda mais, em um aspecto simplesmente superficial, já que, se aquele que assiste sentisse a mesma dor e sofrimento daquele ator, não sentiria nenhuma satisfação em apreciar tais



apresentações. É fato que nenhum ser humano se compraz na dor, o que afirmará o próprio Agostinho:

Disto provinha o meu afeto pelas emoções dolorosas, só por aquelas que não me atingiam profundamente, pois não gostava de sofrer com as mesmas cenas em que a vista se deleitava. Comprazia-me com aquelas coisas que, ouvidas e fingidas, me tocavam na superfície da alma [...] (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 67).

Agostinho assim concluiu, – o que já temos dito até aqui – que o prazer causado por aquelas cenas nada tinham de conformidade com a doutrina cristã ou um ideal de cidade justa e santa, aquela que exporá na *De Civitate Dei*. Antes preferia-se que não houvesse dor na vida do outro:

Agora nem por isso me fecho à compaixão. Mas em tempos passados compartilhava no teatro da satisfação dos amantes que mutuamente se gozavam pela torpeza, se bem que espetáculos destes não passassem de meras ficções. Quando se desgraçavam, eu piedosamente me contristava. Numa e noutra coisa, sentia prazer. Hoje, porém, compadeço-me mais do homem que se alegra do vício do que daquele que pungentemente sofre com a perda do prazer funesto, ou com a privação de uma miserável felicidade. Esta piedade é mais real. Porém, a dor não encontra nela prazer algum. Ainda que o dever da caridade aprove que nos condoamos do infeliz, todavia aquele que fraternalmente é misericordioso preferiria que nenhuma dor houvesse de que se compadecesse (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 66).

Para Agostinho, essa poesia já perdeu sua utilidade. Já quando maduro, como acima já observamos, o Santo Doutor, refletindo sobre sua trajetória, compreende os jogos e teatros como coisas efêmeras e infames, como ele mesmos diz na *De civitate Dei* (2013, p. 74). Na concepção agostiniana, isso já deixou de ser arte. Ora, a finalidade da arte seria levar o homem a contemplar o belo. Dito de outro modo, a arte deve ser usada para o bem da humanidade, para instruir; feito ao contrário, está corrompendo o homem em vez de educá-lo. Aliás, deixa seu caráter artístico, passa a não ser mais arte. Destarte, no dizer do Doutor de Hipo, as "[...] fábulas imaginosas dos poetas, que levam ao prazer as pessoas cujos alimentos são as coisas fúteis [...]" (SANTO AGOSTINHO, 2013, p. 50) estavam conduzindo a humanidade a um estado decadente quanto ao valor artístico e educativo.

### **Agostinho não condena a poética em si, mas a poesia das imoralidades**



Vimos que Agostinho tece uma série de críticas à poesia e às suas representações cênicas. Porém, é importante que deixemos claro que ele não condena o gênero poético, nem tampouco qualquer outro gênero literário de sua época. Pelo contrário, admirava o trabalho de Virgílio, poeta romano de sua predileção. Ainda nos últimos anos de sua vida recordava e citava em suas obras teológicas frases até de grande extensão do referido poeta e de outros como Horácio, quando, por exemplo, chora a perda de seu amigo Alípio: “Que bem se exprimiu o poeta, quando chamou ao seu amigo ‘metade da sua alma’ [...]” (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 91). Além do mais, o próprio Agostinho se expressava poeticamente: “[...] desgraçada é toda alma presa pelo amor às coisas mortais. Despedaça-se quando as perde e então sente a miséria que o torna miserável, ainda antes de as perder” (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 90). Após sua conversão ao cristianismo, compõe poeticamente um lindo texto impregnado de amor: “Tarde vos amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-vos! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco!” (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 265).

Aliás, é importante estar atento ao contexto em que os textos agostinianos são redigidos. Estes se inserem em um momento histórico bem preciso: o do declínio do Império Romano. Juntamente com a queda do império há também o declínio da literatura e dos estudos literários, bem como da cultura. No dizer de Maschio (2017, p. 22-23) “[...] a vida cultural e educativa tinha perdido todo o vigor e fulgor criativo, tendo degenerado para formas de barroquismo que não faziam mais que reproduzir e se conectar com as glórias literárias e retóricas do passado.” Frente a isso, Agostinho proporá uma renovação cultural e educacional. Esta, estaria baseada na vivência e no estudo da sabedoria. Ele entende que é preciso buscar o conhecimento, aliás, que “[...] não existe outro alimento para a alma que não seja o conhecimento das coisas e a ciência” (SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 126).

Assim, é importante que, ao analisar o discurso, estejamos atentos ao contexto e às situações históricas que estiverem envolvidas durante o processo de escrita, “[...] porque são elas que vão determinar o discurso como acontecimento dotado de peculiaridades heterogêneas de uma época e instante social.” (Costa, 2013, p. 91). Sendo assim, é necessário que não tomemos o texto pelo texto, mas que, a partir de seu contexto, tentemos “[...] entender que o discurso não se encontra impregnado na tessitura textual e muito menos nos encadeamentos linguísticos. Ele atravessa o nível da frase, dos períodos e do texto, pois só é possível constituí-lo pela sua relação com a história.” (Costa, 2013, p. 91). Daí a necessidade de encontrar o sentido do texto na teoria de Pêcheux (1997), pois não existe “[...] um contexto zero ou nulo e



só entendemos o significado de uma sentença sob o plano de fundo de um conjunto de suposições de base acerca de um contexto [...]" (CASTRO, 2013, p. 145).

As críticas, de índole negativa, tecidas à poesia devem ser vistas como proferidas por um bispo, ou seja, nelas se verifica a preocupação do pastor com a educação e edificação cristã de seus discípulos. Além disso, é importante ressaltar que as críticas não são infundadas. Santo Agostinho não critica simplesmente como se disparasse no escuro: "Justamente porque Agostinho vivenciou pessoalmente esse itinerário intelectual e espiritual, soube transmiti-lo nas suas obras [...]" (BENTO XVI, 2012, p. 212). Ele critica o que bem conhecia, já que seu conhecimento sobre esses textos não era pouco, tal como se manifesta em toda a obra da *De civitate Dei*. Contudo, é importante destacar que a crítica de Agostinho em relação à poesia apoia-se num critério religioso e não literário, isso é, sua preocupação não é com fatores da teoria da literatura, mas com a vivência e a prática da teologia e vida cristãs.

Outro ponto interessante é que, além dos outros motivos já citados aqui, sua visão negativa quanto a essa literatura pagã era o fato de narrarem coisas que, na concepção do Doutor da Graça, eram irreais. Assim como Platão, o Doutor de Hipo tinha a preocupação de ser sempre fiel à verdade. Assim, a noção daquilo que se chama *mimesis*, isso é, a imitação, aparece como algo negativo, como já era concebida por Platão que,

compreendendo-a como um tipo de produtividade que não criava objetos 'originais', mas apenas cópias (eikones) distintas do que seria a 'verdadeira realidade'. [...] Ele expressa a ligação existente, em toda a Antiguidade, entre a concepção de arte e o caráter ontológico de valores metafísicos e empenhativos. Vinculada a uma origem divina e misteriosa, a arte participa, nessa concepção, do ser originário, devendo por isso 'imitar', no seu conteúdo, a realidade das formas e das ideias primigênicas. Como na maioria das vezes isso não acontece, ou seja, a *mimesis* é apenas verossímil e não visa à essência das coisas, nem à verdadeira natureza dos objetos particulares, ela é falsa e ilusória, sendo prejudicial e perigosa ao discurso ideal do filósofo (COSTA, 1992, p. 5-6).

Opondo-se a isso, Aristóteles, refutando o pensamento de Platão, apontará a liberdade da *mimesis* em relação à realidade concreta. Como aponta Costa (1992, p. 6), "Aristóteles transformou a obra numa produção subjetiva e carente de empenho existencial e alterou, com isso, a relação que ela apresentava com a sacralidade original."

Por outro lado, entende-se que as críticas que Agostinho faz à literatura devem ser entendidas como sendo de critérios literários, como já de afirmou. O teor das críticas deve-se aos temas que compõe a literatura e não à natureza deles.



Como já dito acima, Agostinho se preocupava inteiramente com encontrar a verdade (SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 23) e também a transmitir. E já que a verdade era entendida como algo divino, pois Santo Agostinho cria que o próprio Jesus Cristo era a verdade (SANTO AGOSTINHO, 1988, p. 73), a mentira ou falsidade eram vistas como contrárias a isso e, portanto, constituíam-se no mais alto pecado: "E se alguém pensar que a mentira pode ser, em algum caso, de utilidade, poderá também admitir que a injustiça é igualmente útil" (SANTO AGOSTINHO, 2002, 52). Agostinho entendia que além de conduzir o povo a erros morais, esses textos também portavam a mentira. Ele aponta que os próprios deuses retratados nos poemas são falsos e proferem mentiras. Um exemplo disso seria a queda de Roma, a que os deuses alegavam ser eterna:

Roma está decadente, diz Agostinho, porque todas as cidades têm um fim, como o próprio Virgílio reconheceu nas *Geórgicas*. Se na *Eneida* o poeta promete a eternidade a Roma, é nas palavras de Júpiter, 'um deus falso', e não na sua própria boca, que o faz. Ao tecer as suas considerações sobre a efemeridade das realidades terrestres, Santo Agostinho enfrenta diretamente o mito da Roma Aeterna [...] (SANTO AGOSTINHO, 2010, 28).

A isso se junta o conceito de virtude, em que tudo o que não condiz com uma vida virtuosa deve ser evitado. Nas palavras de Horn (2008, p. 136), "[...] é um fato bem conhecido que também Agostinho defende, segundo o modelo das concepções clássicas, helenística e da Antiguidade Tardia, uma ética teológica, na qual o conceito de virtude ocupa uma posição proeminente." E é, portanto, nessa prática das virtudes que aparece a *cáritas*, que já mencionamos anteriormente, sendo ela a "[...] que re-significa as virtudes humanas [...]" (Vahl, 2016, p. 167). Desse modo, as "fantasias poéticas" (SANTO AGOSTINHO, 2005, p. 32) só causariam mal aos homens que a aceitavam e, que além disso, eram inventadas por eles mesmo:

Essas e outras fábulas semelhantes, surgidas até às Guerra de Troia, com a qual terminou Marco Varrão o segundo livro *Sobre a origem do povo romano*, inventou-as também o engenho humano, baseado em certas façanhas reais, não menos vergonhosas para os numes. [...] não é possível dizer o cúmulo de males que supõem no coração de homens que toleram tais mentiras e de bom grado as aceitam (SANTO AGOSTINHO, 2012, p. 389).

Da mesma forma que o Santo Doutor não condenou de um modo unilateral o gênero poético, mas a poesia advinda do declínio de Roma, impregnada de suas imoralidades, de igual modo, não rejeitou o platonismo, mas cristianizou o que nele achou útil à sua doutrina, pois,



lendo as obras dos filósofos, percebeu que havia muita verdade em seu trabalho. Por esta razão, a solução seria cristianizar seu pensamento, converter suas ideias e utilizá-las na teologia cristã.

Tampouco condenou a literatura, já que tem vários livros exegéticos e numerosos sermões nos quais comenta diversos livros da Sagrada Escritura (alguns que são, inclusive, literários). São célebres suas obras *Comentário ao Genesis* e *Sobre o Gênesis contra os maniqueus*, nas quais o escritor faz uma verdadeira catequese e explicação sobre os sentidos literal, espiritual e alegórico do texto. Na sua obra *Confissões*, dedica dois livros a um comentário sobre os primeiros capítulos do Gênesis, especialmente o poema da criação (Gn 1, 1-31). No livro IX das *Confissões*, o Doutor da Graça desenvolve um pequeno tratado sobre a natureza ontológica do tempo e suas implicações na vida do homem, texto que é utilizado por alguns teóricos da área da teoria da literatura<sup>8</sup>. Diante disso, entendemos que as críticas endereçadas não se referem ao gênero poético, mas aos temas presentes em tais obras; se assim não fosse, não teria o Santo Doutor analisado os Salmos, que são propriamente poemas, assunto que abordaremos em nosso próximo tópico.

### **O próprio Agostinho analisou poemas: *Os enarrationes in psalmos*.**

Como dito anteriormente, Agostinho comentou os *Salmos*, livro de poemas da Sagrada Escritura. Analisou e discutiu cada um dos 150 salmos, compondo a obra *Enarrationes in Psalms*, dividida em três grandes volumes pela editora católica Paulus. É fato que o Doutor de Hipo tinha grande apreço por esses textos, pois eram leituras comuns na vida de Agostinho. Nas suas *Confissões*, “há cerca de 500 referências ao livro dos salmos que Santo Agostinho sabia de memória” (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 407). O livro inicia-se, inclusive, com as citações dos salmos 95 e 146, seguidas de comentários em uma linguagem profundamente poética:

Sois grande, Senhor, e infinitamente digno de ser louvado'. 'É grande o vosso poder e incomensurável a vossa sabedoria.' O homem, fragmentozinho da criação, quer louvar-vos; o homem que publica a sua mortalidade, arrastando o testemunho do seu pecado e a prova de que vós resistis aos soberbos (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 27).

---

<sup>8</sup> NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1995.



Que os salmos sejam poemas o próprio Agostinho o diz: “[...] clama o poeta: 'até quando sereis duros de coração? Para que amais a vaidade e buscais a mentira? Sabei que o Senhor glorificou seu Filho’” (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 213). Igualmente, a *Tradução Ecumênica da Bíblia* (1994) os classifica da mesma forma: “A coletânea dos ‘louvores’ foi inteiramente redigida em versos. Estes são facilmente perceptíveis na tradução, pois os versículos dos salmos, na sua apresentação atual, correspondem aos versos do texto hebraico” (BÍBLIA TEB, 1994, p. 1003).

Além do mais, os salmos também têm um caráter musical, fruto de seu ritmo e tons suaves. Seu teor poético concedeu-lhes, desde cedo, um grande destaque na liturgia da Igreja Católica Romana. Sobre seu ritmo também pontua a *Bíblia TEB*:

O mais das vezes, um verso se compõe de dois membros, às vezes de três. Obedece a um ritmo que, ao contrário do que ocorre nas paródias grega e latina, não se funda na quantidade, isto é, na combinação de sílabas longas e breves, nem no número das sílabas – como na verificação francesa clássica –, mas no acento tônico, como na poesia anglo-saxônica. O ritmo mais frequente consiste em três acentos em cada membro do verso (3+3); por vezes, esta cadência ternária cede lugar, no segundo membro, a uma cadência binária (3+2). [...] (BÍBLIA TEB, 1994, p. 1003).

Como já mostramos anteriormente, Agostinho tinha uma profunda simpatia pelos salmos. Nas *Confissões* (p. 274) o referido autor pontua os aspectos emocionais que lhe eram presentes quando das leituras desses textos. Agostinho narra que se emocionava a tal ponto que vertia lágrimas quando, na igreja, cantava-se esses textos poéticos com um bom emprego de melodia. Desse modo, concluímos que Agostinho também experimentou o que Aristóteles denomina *catarse*. No entanto, a experimentação por parte de Doutor da Graça é diferente daquela que sentiam os espectadores dos jogos e teatros romanos e dos leitores das poesias pagãs. A *catarse* sentida por Agostinho é, em seu dizer, edificante. Trata-se do deleitar-se da alma na escuta e na leitura da sabedoria. Partindo desse princípio, podemos dizer que Agostinho transforma o conceito aristotélico para um viés cristão.

O fato é que os Salmos, livro que pode ser designado como predileto por Agostinho, era o livro diário de sua meditação e edificação espiritual. Diante disso

[...] encontrava, na leitura dos salmos, as luzes que iluminavam os mistérios divinos, provocavam os seus afetos, suas alegrias, suas esperanças de catecúmeno. Desse modo, o Comentário aos Salmos será a obra de toda a vida de Agostinho [...] (SANTO AGOSTINHO, 1997, p. 29).



A obra *Comentários aos Salmos (Enarrationes in Psalmos)* é um dos grandiosos trabalhos do Santo Doutor, na qual comenta cada um dos salmos de maneira espiritual e exegética:

[...] é viável a pergunta se, todo cântico é salmo, ou se qualquer salmo é cântico, ou ainda se existem cânticos que não devam ser denominados salmos e salmos aos quais não convém o nome de cânticos. Mas, verifique-se nas escrituras se cânticos não indicaria uma alegria, enquanto os salmos seriam as composições acompanhadas ao saltério [...] (SANTO AGOSTINHO, 1997, p. 29).

Portanto, tecendo críticas às poesias de seu tempo, o santo Doutor não condena o gênero em si, pois, do contrário, estaria condenando também o livro do saltério, o qual era de sua profunda estima.

### **Agostinho propõe uma conversão da poesia de Roma à poesia cristã**

Com suas críticas à poesia que engrandecia os atos imorais dos deuses gregos, Agostinho propõe uma "conversão" da poesia pagã para uma poesia cristã, fruto de contemplação e amor ao Deus uno e todo amoroso. Como diz Peinado (2018, p. 42)

A dedicação de Santo Agostinho em entender a fé cristã, moveu-o a estudar, a escrever, a divulgar esse modo de vida pautado em valores éticos e morais diferenciados da moral e ética da Antiguidade. O autor propõe, pelo ensino, um modo de vida e de convivência entre os povos sob a égide do amor de Cristo.

É certo que não se tem um texto no qual Agostinho fale especificamente sobre tal assunto; porém, o tema da conversão é a obra de sua vida. Suas *Confissões* são uma verdadeira "caminhada da libertação", já dizia Emanuel Carneiro Leão (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 23); uma saída do mundo (de sua vida desregrada, inundada nos vícios, avareza, luxúria, vaidade e orgias) para o encontro com Deus através de sua conversão ao cristianismo, marco principal de sua vida. Por esta razão, o tema da conversão é o coração da sua grande obra: as *Confissões*. Em quase todos os seus escritos, o santo Doutor aborda tal assunto, seja na conversão do pecador à fé, da alma a Deus, da heresia à fé católica e tantos outros modelos. Além disso, ele mesmo converteu o que, sob seu entendimento, encontrou de verdadeiro na



metafísica de Platão ao cristianismo, realizando uma verdadeira conversão do pensamento platônico para o catolicismo.

A *grosso modo*, Agostinho não só escreveu sobre conversão, mas a viveu em sua vida. Suas reflexões e pensamentos giram em torno dessa gravidade. Podemos teorizar que, entendendo como os *salmos*, sendo poéticos, elevavam e edificavam a alma, textos poéticos cristãos também poderiam causar o mesmo efeito. Diante disso, tratava-se de utilizar-se do útil para que esse conduzisse o homem a contemplar o belo, ou seja, o próprio Deus.

Na obra *A doutrina cristã*, Agostinho faz a distinção entre as coisas que se devem fruir e as coisas que se devem utilizar. As coisas que devem ser fruídas são as que tornam o homem feliz, pois elas o fazem por elas mesmas. Agostinho identificará que o próprio Deus é o que se deve fruir, sendo ele o ser que traz a felicidade e a plenificação do ser humano. Por outro lado, as coisas devem ser usadas na medida que conduzem a Ele. Destarte, "Fruir é aderir a alguma coisa por amor a ela própria. E usar é orientar o objeto de que se faz uso para obter o objeto ao qual se ama, caso tal objeto mereça ser amado" (SANTO AGOSTINHO, 2002, p. 34). Logo, o uso do gênero poético deve ser utilizado na medida em que leve o homem a fruir de Deus. Quando se passasse a usar o poema para fruir-se dele mesmo, isso incorreria em uma desordem, como Agostinho mesmo dirá: "A uso ilícito cabe, com maior propriedade, o nome de excesso ou abuso." (SANTO AGOSTINHO, 2002, p. 34).

Por conseguinte, o uso da poesia direcionado a causar no homem um prazer por uma fruição dela mesma, sem o orientar para Aquele de quem (conforme o pensamento agostiniano) se deve verdadeiramente fruir, consiste num ato de abuso e libertinagem. Para usar a terminologia agostiniana: "Não há ninguém que não ame. A questão é saber o que se deve amar. Não somos, por conseguinte, convidados a não amar, mas sim a escolher o que havemos de amar." (SANTO AGOSTINHO, 1995, p. 642).

Em *A verdadeira religião*, Agostinho fala da beleza dos versos do poema. O verso é belo em seu gênero, isto é, naquilo mesmo em que está inserido. Em resumo, a harmonia do todo com suas partes dá o caráter de beleza a cada verso particular. Assim, entendemos como Agostinho concebia a importância do aspecto métrico na estruturação:

Por exemplo, um verso é belo no seu gênero, se bem que não se possa pronunciar ao mesmo tempo, duas de suas sílabas. Para emitir a segunda sílaba, é preciso que a primeira tenha passado. Chega-se sucessivamente ao final. E quando ressoa a última sílaba, sem que ressoe com ela as precedentes, ela se liga, entretanto, às sílabas já desaparecidas para completar a beleza e a harmonia métrica do conjunto (SANTO AGOSTINHO, 2002b, p. 47).



Um trecho das *Confissões* expressa bem a ideia de que a poesia, quando bem utilizada pode ser usada com o fim de alcançar algo melhor. Nesse texto, em comparação com as doutrinas maniqueístas, Agostinho entende que eram bem mais úteis as fábulas do voo de Medeia, mito grego que teve conhecimento. Pois, por ser uma obra pagã, Agostinho não a dava credibilidade. Aqui, entretanto, é preciso compreender o real sentido dos termos empregados na escrita para se entender o que se quer significar: o fato é que, se utilizado em vista do bem, a poesia é sim algo útil. Eis o texto:

Com efeito, os versos, o canto e o voo de Medeia são certamente mais úteis que os cinco elementos do mundo, coloridos de mil modos, em razão dos cinco antros de trevas, que, além de não existirem, matam a quem neles acredita. Porém, à poesia e ao verso transformo-os em delicioso alimento do meu espírito. Além disso, ainda que cantasse o "voo de Medeia", contudo, não afirmava a sua autenticidade, e, mesmo ao ouvi-lo cantar, não lhe dava crédito.

Notemos o uso do termo *transformo-os*. Percebemos, mesmo que implicitamente a noção que o Filósofo da Graça tinha sobre a conversão da poesia pagã para uma nova poesia cristã, que tivesse como objetivo o louvor do Deus bíblico. O conhecimento das Letras e da literatura que Agostinho possuía é que dá sustentabilidade a essa teoria, pois, para tal empreendimento era preciso um conhecimento da área, que segundo Gilson (2001, p. 208) não lhe faltava:

Sua técnica mesma não deveria variar muito. Ainda temos o *De musica* de santo Agostinho: ele mesmo nos diz em suas *Retratações* (I, 6), que escrevera um *De grammatica*, hoje perdido, e começara a escrever os seguintes tratados, que nunca acabou: *De dialectica*, *De rhetorica*, *De geometria*, *De arithmetica*, *De philosophia*. Se essas obras tivessem sido concluídas e conservadas, teríamos uma enciclopédia das artes liberais de autoria de santo Agostinho. Pelo menos, podemos ainda constatar que sua obra se enquadra nos marcos clássicos: diálogos, tratados, cartas, até mesmo a história, ele experimentou-se em todos os gêneros literários da prosa latina. Quando comentava as Escrituras, fazia-o com todos os métodos e recursos de um *grammaticus* emérito: leitura, emenda do texto, explicação. Quintiliano pensava que a principal tarefa do professor de Letras era a explicação dos poetas, *poetarum enarratio* (Inst. Orat., I, 4, 2); é por isso que ainda hoje temos as *Enarrationes in Psalmos*, todas a partir da fonte original, em que vemos que admirável comentador de textos literários deve ter sido santo Agostinho. Que há de mais natural? Os Salmos acaso não eram poesia? Era preciso, pois, tratá-los como poemas, com uma única reserva, expressamente feita pelo próprio Agostinho, de que o *grammaticus* que comenta esse texto inspirado não tem o direito, após a *enarratio*, de passar ao *judicium*!



Ao mesmo tempo, o próprio Agostinho foi um poeta. Embora não tenha escrito muitos versos e, mesmo os que escreveu não foram muito populares, isso não diminui sua qualificação de poeta. O fato mesmo é que Agostinho escreveu de um modo poético. O livro das *Confissões* é um bom exemplo disso, tal qual acima já mencionamos, e como João Paulo II também o diz: "[...] suas célebres Confissões, uma obra que é ao mesmo tempo autobiografia, filosofia, teologia, mística e poesia [...]" (1986, 1). Na obra *Solilóquios* (1998, p. 13-15), encontramos uma longa oração redigida em tom poético. Nas palavras de Trapê (2018, p. 382) "Agostinho, de fato, foi também poeta. Não dizemos isso porque escreveu alguns versos, que de resto foram poucos e de não grande valor, mas porque tem a sensibilidade e a imaginação do poeta. Foi um enamorado da beleza." E complementa:

Há ainda poesia naquela longa e apaixonada oração que abre o primeiro livro dos Solilóquios. Uma oração que se estende ampla e solene como uma sinfonia. O fundo é filosófico e teológico, a inspiração é mística; mas a comoção que a anima, o ritmo que a governa, a forma que a exprime são tais que fazem tornar-se uma passagem de poesia, e poesia estupenda. (Trapê, 2018, p. 389).

Desse modo, compreendendo o que é a poesia e também por ser poeta não exclui o lado bom desse gênero literário. Destarte, Agostinho entende que o gênero poético em si não contém nada de mal, pelo contrário, dele pode surgir algo de bom, se bem utilizado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia e a literatura, já na antiguidade, foram objeto de estudo e de críticas, como foram para Platão e Aristóteles. O enfoque de determinar sua natureza e sua utilidade foi motivo de discussões. De igual modo procedeu Agostinho, dada sua formação cristã e seu conceito da caridade, compaixão e vivência das virtudes, o que irá orientar toda a sua vida.

Percebendo que a literatura de seu tempo trazia temáticas contrárias aos princípios cristãos, que para o Santo Doutor eram tão caros, decide, por isso, orientar o povo a ele contemporâneo sobre esse suposto problema.

Por outro lado, utilizou-se desse mesmo gênero de escrita, mostrando que, quando bem usado, pode servir ao uso do bem. Partindo do princípio *uti et frui*, exporá que devemos usá-lo na medida em que leve o homem à vivência das virtudes.



Desse modo, mesmo percebendo os erros que impregnavam a literatura de seu tempo, contrários aos princípios da religião cristã, não condenou os gêneros literários em si, mas propôs aquilo mesmo que viveu em sua própria vida: um processo de conversão. Agostinho preconiza aquilo que São João da Cruz, na Idade Média, irá concretizar: poesias cristãs.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, S. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- AGOSTINHO, S. **A Trindade**. Tradução de Augustinhu Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.
- AGOSTINHO, S. **A Graça (I)**. Tradução de Augustinhu Belmonte. São Paulo: Paulus, 1998.
- AGOSTINHO, S. **A disciplina cristã**. Tradução de Fabrício Gerardi. São Paulo: Paulus, 2013.
- AGOSTINHO, S. **A doutrina cristã**. São Paulo: Paulus, 2002.
- AGOSTINHO, S. **A verdadeira religião**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.
- AGOSTINHO, S. **A cidade de Deus: Contra os pagãos, parte I**. Tradução de Oscar Paes Leme. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- AGOSTINHO, S. **A cidade de Deus: Contra os pagãos, parte II**. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- AGOSTINHO, S. **Comentário aos Salmos: Salmos 1 – 50**. Tradução das Monjas beneditinas. São Paulo: Paulus, 1997.
- AGOSTINHO, S. **Comentário aos Salmos: Salmos 51 - 100**. Tradução das Monjas beneditinas. São Paulo: Paulus, 1997.
- AGOSTINHO, S. **Comentário aos Gênesis**. Tradução de Augustinhu Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005.
- AGOSTINHO, S. **De beata vita**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1998
- AGOSTINHO, S. **O de excidio vrbis: E outros sermões sobre a Queda de Roma**. Tradução de Carlota Miranda Urbano. 1 ed. Coimbra: Centro de estudos clássicos e humanísticos, 2010.
- AGOSTINHO, S. **Solilóquios**. Tradução de Adauri Fiorotti. São Paulo: Paulus, 1998.
- AGOSTINHO, S. **Sermões. In Liturgia das Horas**. São Paulo: Paulus, 1955.



ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. Coleção os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1937.

BENTO XVI, P. **Os Padres da Igreja**: de Clemente Romano a Santo Agostinho. Tradução de Silva Dentro. São Paulo: Paulus, 2012.

CASTRO, I. I. O. **Da fala à ação: uma abordagem acerca da teoria pragmática**. In **teorias linguísticas: rápidos olhares**. Ivaldo Santos org. Mossoró, RN: Queima-Bucha, 2013.

COSTA, J. C. **Na trilha teórica da análise do discurso: uma ida para além de encadeamentos linguísticos**. In **teorias linguísticas: rápidos olhares**. Ivaldo Santos org. Mossoró, RN: Queima-Bucha, 2013.

COSTA, L. M. **A poética de Aristóteles**: mímese e verossimilhança. São Paulo: Ática, 1992.

GILSON, E. **A filosofia na Idade Média**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GOMES, A. M. Santo Agostinho e Platão: críticas à poesia. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 2., 2014, São Leopoldo. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, 2014. v. 2, p. 1762 - 1776.

Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/267/311>>. Acesso em: 28 set. 2019.

HORN, C. **Agostinho**: conhecimento, linguagem e ética. Christoph Horn (org). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

JOÃO PAULO II, Papa. **Augustinum Hipponensem**. Disponível em <[www.agostinianos.org.br](http://www.agostinianos.org.br)> Acesso em 9 de maio de 2020.

Maschio, E. A. **Santo Agostinho**: O doutor da graça divina contra o mal. São Paulo: Editora Salvat, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PEINADO, M. R. S. S. **Propostas de educação cristã e estratégias de ensino em Santo Agostinho**. São Carlos: Scienza editora, 2018.

SILVA, R. S. **Linguística textual em foco**. In **teorias linguísticas: rápidos olhares**. Ivaldo Santos org. Mossoró, RN: Queima-Bucha, 2013.

SILVA, J. L. **Santo Agostinho: poética e retórica**. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaIntersecoes/article/view/1019>. Acesso em 5 de maio de 2020.

SOUZA, T. G; SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. A poesia e as cidades em Santo Agostinho. In: XV ENCONTRO DA ABRALIC, 15., 2016, Rio de Janeiro. **Anais**



**eletrônicos do XV encontro ABRALIC.** Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016. p. 2799 - 2807. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016\\_1491410844.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491410844.pdf)>. Acesso em: 28 set. 2019.

TEB, B.: **Tradução Ecumênica da Bíblia.** São Paulo: Edições Loyola, 1994.

TRAPÊ, A. **Agostinho:** o homem, o pastor, o místico. Tradução de Francisco Evaristo Marcos e Marcos Roberto Nunes Costa. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

VAHL, M. J. **Santo Agostinho:** Os fundamentos ontológicos do agir. Pelotas: NEPFIL online, 2016.

WISDOM, H. **Augustine's Early Theology of Education.** Washington: The Catholic University of America Press, 2012.